

Na Morte de Ovídio Martins

Poeta e Militante Cabo-Verdiano

Dominique Stoenesco

Na apresentação de *“Gritarei, berrarei, matarei, não vou para Pasárgada”*, livro de 100 poemas de Ovídio Martins, publicado na colecção “Anti-evasão”, em Rotterdam, um ano antes da Revolução do 25 de Abril, o director da colecção, Onésimo Silveira, dizia que “a poesia de Ovídio Martins é um canto de amor e de luta, ritmado por uma obsessão constante de libertação”. Esta afirmação resume perfeitamente a atitude estética e ideológica deste poeta e militante cabo-verdiano que faleceu no passado mês de Maio, na cidade da Praia.

O itinerário de Ovídio Martins parte de Mindelo (ilha de São Vicente), onde nasceu, em 1928. Depois de ter completado o liceu nesta cidade, o jovem Ovídio Martins segue para Lisboa, em 1947, e matricula-se na Faculdade de Direito. Mas, por razões de saúde principalmente (perda quase completa da audição), nunca chegará a terminar os estudos jurídicos. Apesar de tudo, mantém uma importante actividade cultural e política. Duramente perseguido pela sua militância anti-fascista e preso pela P.I.D.E.-D.G.S., Ovídio Martins, como grande número de emigrantes cabo-verdianos, refugia-se em Amesterdão, regressando a Cabo-Verde só depois da independência.

A sua participação na vida cultural e política cabo-verdiana começou bastante cedo. Ovídio Martins foi um dos fundadores do *Suplemento Cultural* (1958), grupo que pretendia romper radicalmente com os arquétipos europeus e orientar a actividade criadora dos escritores para os temas de raiz cabo-verdiana, num tom mais veemente e mais protestatário. Em 1962 são publicadas duas obras de O. Martins: *“Caminhada”* (poemas), em Lisboa e *“Tchutchinha”* (contos), em Angola. Porém, o livro que mais repercussão vai ter na vida literária do autor intitula-se precisamente *“Gritarei, berrarei, matarei, não vou para Pasárgada”*. A partir de 1977, Ovídio Martins colabora também na revista *Raízes*, publicada na capital cabo-verdiana e dirigida por Arnaldo França. Participam ainda na mesma revista poetas e romancistas de prestígio, tais como António Aurélio Gonçalves, Baltasar Lopes, Corsino Fortes, Arménio Vieira, etc. Na nota de abertura do primeiro número de *Raízes* ficamos a saber que a ideia dessa publicação nasceu “de um encontro de intelectuais cabo-verdianos, irmanados pelo ideal da libertação, da independência e do progresso da sua Pátria”. Merecem ainda ser assinaladas, nesta breve nota biográfica de Ovídio Martins, outras publicações em que o poeta colaborou: *Claridade*, *Cabo Verde*, *Vértice*, *Suplemento literário do Jornal de Notícias*, *Notícias do Imbondeiro*, *Le Journal des Poètes* (Bélgica).

Antes de apresentarmos alguns poemas significativos da obra de Ovídio Martins, talvez fosse necessá-

rio lembrarmos o contexto cultural e literário no qual a sua criação poética se vai desenvolver. Podemos dizer que quase toda a poesia cabo-verdiana a partir dos anos 30, com a publicação do *“Arquipélago”*, de Jorge Barbosa e, sobretudo, com o aparecimento da revista *Claridade*, em 1936, tem como principais temas a seca e a fome, a emigração, o mar, a evasão, a insularidade. É através destes elementos concretos da sociedade cabo-verdiana que se define o moderno movimento cultural dos *claridosos* e que se forma um profundo sentimento nacional, em oposição aos padrões do colonialismo. Já no fim do século XIX e início do século XX, poetas e escritores como Eugénio Tavares ou Pedro Cardoso, tinham contribuído largamente para afirmar a autonomia da cultura cabo-verdiana. Porém, a partir da década de trinta, e principalmente a partir dos anos sessenta, com o grupo *Suplemento Cultural*, e isto apesar (ou por causa) dos limites impostos pelo poder político, através da censura e da repressão, assistimos ao aparecimento de um movimento cultural mais radical, com conotações ideológicas mais acentuadas. Portanto, os intelectuais e escritores cabo-verdianos

situam-se, segundo Manuel Ferreira (*“Literaturas africanas de expressão portuguesa”*), não mais no plano da relação colonizado/colonizador, mas no plano da relação explorado/explorador. A característica comum destes movimentos é denunciar a dominação política e social na qual se encontra o homem cabo-verdiano. Por outro lado, e simultaneamente, à libertação dos critérios ideológicos europeus, correspondeu a libertação estética da linguagem e das estruturas poéticas clássicas. Com Ovídio Martins, o corte é evidente; a sua produção literária, ainda que escassa, constitui, em parte, uma tentativa de revalorização da língua crioula que era, e que hoje ainda é, o meio de expressão mais popular no plano das relações quotidianas, na literatura oral e nas mornas.

Na poesia de O. Martins, e principalmente nos 100 poemas publicados sob o título de *“Gritarei, berrarei, matarei, não vou para Pasárgada”* (uma resposta indirecta ao *“Vou-me embora para Pasárgada”*, do poeta brasileiro Manuel Bandeira) os



indícios desta mudança são vários. Como já dissemos, o seu verbo torna-se mais veemente e o conteúdo do texto passa a ter um carácter de confrontação, sem no entanto afectar minimamente a força lírica e a beleza estética do poema. Sem pretendermos fazer uma análise exaustiva da poesia de Ovídio Martins, propomos ao leitor, em forma de homenagem a este poeta e militante cabo-verdiano, alguns exemplos tirados do livro citado mais acima.

O problema da seca, com todas as suas consequências dramáticas (fome, emigração, sofrimento) é um dos temas mais evocados na poesia de O. Martins. Mas o autor adverte, tenta desmistificar e, por fim, acusa: para ele, estes dramas não são o resultado de uma simples fatalidade climática, como podemos observar neste extracto do poema “Processo”.

*Não é verdade
meu irmão
não acredites nisso
A fome que vimos
gramando
século de riba de século
não foi a estiagem
que a pariu
Quem é
que mirrou teus seios
ó mãe!
Quem é
que te estrangulou
aos dois anos
ó infância!
A estiagem nada
tem com isso
Quem é
que tempo sem conta
te vem explorando
terra nossa
Quem é
que nos anos de crise
te condenou à morte
povo meu*

Vemos que há nestes versos um ritmo sincopado cujo efeito é dramatizar, realçar o sentimento de dor e de injustiça, interpelar o leitor. Notemos ainda que a repetição do pronome possessivo, nas expressões *meu irmão e povo meu*, transforma o discurso do poeta também num apelo afectivo.

No entanto, se a seca não é a causa de todo o sofrimento do povo cabo-verdiano, ela é um dado inexorável da geografia do Arquipélago. E no poema “Seca”, Ovídio Martins consegue fixar, como numa película fotográfica, a imagem dramática deste *cataclismo periódico*. E se este poema fosse uma pintura, pelo seu aspecto quase surrealista, lembrar-nos-ia um quadro de Salvador Dali:

*Árvores
de ramos arreganbados
a pingarem suor e lágrimas
Terra
calcinada
até à exaustão
da angústia
Almas
sideradas
até o cerne*



Ilha de Santiago, Estrada de Cidade Velha - Photo D. Stoenesco

*das raízes
Árvores
sem carne
Terra
de fogo
Homens
bloqueados
(espantosamente bloqueados)
Irmãos
no cataclismo
periódico
da falta de água
Já sem forças
para mandarem
calar
o mar*

Notemos aqui um traço bem característico da poesia de O. Martins e de vários outros poetas cabo-verdianos da mesma geração: cada palavra forma um verso, contribuindo neste caso para acentuar a solidão e o tormento destes homens espantosamente bloqueados.

Face a estas dificuldades permanentes ou cíclicas, pelo menos duas atitudes eram possíveis: a emigração (saída física, de ordem económica) ou a evasão (saída onírica, intelectual). Ovídio Martins contestou obstinadamente o evasão:

*Não vou para Pasárgada
Atirar-me-ei ao chão
e prenderei nas mãos convulsas
ervas e pedras de sangue
Não vou para Pasárgada*

(“Anti-evasão”)

e também não se resignou à emigração, como em “Alerta”:

*Cuidado Companheiro
não te percas nos acenos da Terra-Longe
Terra-Longe tem roça
Roça tem desespero
Que as ilusões de fartura da Terra-Longe
não prendam teus passos
E sobretudo Companheiro sobretudo
não deixes que te impinjam
a mentira do contrato*

ou ainda, num tom mais imperativo, em “Emigração”:



Prisão de Tarrafal, Santiago - Photo D. Stoenesco

*Silêncio Caboverdianos!
Choram irmãos nossos
Nas roças de S. Tomé*

*E há perigos e ameaças
na noite
grávida de punhais*

*Prepara o braço
serviçal !*

*Dos olhos do poeta
rolam lágrimas
cor de sangue*

Nestes dois poemas o autor não faz alusão à emigração individual ou familiar, mas sim à emigração para as ilhas de São Tomé e Príncipe e Angola, imposta e organizada pelo governo português desde o fim do século XIX até a véspera da independência. Luiz Andrade Silva, na introdução ao livro sobre “Folclore Caboverdiano”, de Pedro Cardoso, reeditado pela Associação Solidariedade Caboverdiana, Paris, 1983, insurge-se contra os seus compatriotas que “serviram de recrutadores, enquanto os irmãos de carne e sangue vegetavam nos porões dos barcos de carga”. Ora, é este período que Ovídio Martins evoca e denuncia também num texto escrito em crioulo, intitulado “*Um r'bêra pa mar*”:

*Tem um r'bêra ta corrê pa mar
R'bêra sem ága
ma'l tem sangue
Sangue daquês que morrê na terra-longe
na trabóí scróve
Sangue daquês q'caí de rotcha
pa ca morrê de fôme
Sangue d'irmon que matá irmon
pa inganá ês dstine de séca
Tem um r'bêra ta corrê pa mar...*

A mensagem de Ovídio Martins era incitar os seus compatriotas à acção e à mudança, assumindo assim o seu papel de militante. Com efeito, no poema “*Um acto de violência*”, o poeta apela à revolta:

*Um acto de violência
meu povo
Um acto de violência
para despertar*

*os que ainda dormem
o sono colonial*

Mas logo acrescentando, na parte final do texto, em crioulo:
*e que tê um flor
podê tem violência de bala !*

(“e que até uma flor pode ter a violência de uma bala!”)

privilegiando deste modo o papel da poesia como arma de combate à opressão. Aliás, num outro poema, “*O único impossível*”, O. Martins diz-nos claramente que o “único impossível” é precisamente querer amordaçar a liberdade de um poeta, e ironiza:

*Mordaças
A um poeta ?*

Não me façam rir !...

*Experimentem primeiro
Deixar de respirar
Ou rimar... mordaças
Com Liberdade*

Naturalmente, o isolamento geográfico de Cabo Verde e a grande dispersão das ilhas representam uma obsessão permanente para os seus habitantes. Mas, em “*Unidos venceremos*”, o poeta faz da insularidade uma força; o mar já não separa mas une (note-se de passagem as belíssimas aliterações sonoras):

*Estendemos as mãos
desesperadamente estendemos as mãos
por sobre o mar
As ondas não são muros
são laços
de sargaços
que servirão de leito
à grande madrugada*

Nos dois poemas que se seguem Ovídio Martins evoca, num estilo declamatório, o sofrimento, a epopeia e o destino do seu povo, recorrendo ao discurso colectivo (“*somos os flagelados*”, “*a nossa luta*”). No contexto político em que foram publicados estes poemas, a palavra de ordem era resistir. Por isso, a mensagem central dos dois exemplos que apresentamos é perseverança e esperança. Perseverança na luta quotidiana pela sobrevivência, esperança num futuro melhor. No poema “*Flagelados do vento-leste*” o mar e o vento são encarados não como um castigo divino, mas como elementos positivos, constituintes do equilíbrio do homem cabo-verdiano:

Somos os flagelados do vento-leste !

*Morremos e ressuscitamos todos os anos
para desespero dos que nos impedem
a caminhada
Teimosamente continuamos de pé
num desafio aos deuses e aos homens
E as estiagens já não nos metem medo
porque descobrimos a origem das coisas
(quando pudermos !...)*

Somos os flagelados do vento-leste !

*Os homens esqueceram-se de nos chamar irmãos
E as vozes solidárias que temos sempre
escutado*

*são apenas
as vozes do mar
que nos salgou o sangue
as vozes do vento
que nos entranhou o ritmo do equilíbrio
e as vozes das nossas montanhas
estranha e silenciosamente musicais*

Nós somos os flagelados do vento-leste !

Em “Caboverdianamente” também os elementos naturais se tornam numa força generativa. A metáfora da lágrima que alimenta a terra constitui uma esperança:

*Detém-te e espera
caboverdianamente espera
o dia em que
devagarinho
penetrarás
a terra semimada de esperança
Detém-te lágrima
que estás no limiar
do reino
encharcado de sol
do belo reino encharcado de sol
a razão crioula da nossa luta*



Mercado de Assomada, Ilha de Santiago - Photo D. Stoenesco

Em vários poemas, Ovídio Martins preenche a sua mensagem com problemas ligados à libertação, num discurso por vezes protestatário ou dramático. Mas nem por isso a sua poesia deixa de ser, em outros momentos, intensamente lírica. E nesse caso o discurso torna-se mais íntimo e mais sensual, como nestes versos tirados de “Poema”:

*Tua boca
é uma ideia de fruto
colhido nos ramos de um vendaval
e nós dois iremos
num sonho de pétala
descobrir o mar
das luzes perdidas*

Um canto de amor e de luta, dizíamos na introdução, citando Onésimo Silveira, a propósito da poesia de O. Martins. Foi esta atitude que permitiu sem dúvida ao poeta exprimir com tanta autenticidade e lucidez os momentos mais difíceis da história do seu povo.

Autêntico quando o poeta se revolta e clama o seu desespero, numa grande simplicidade de palavras:

Para além do desespero...

*Apenas a criança
Numa paisagem de nada*

*Os seus pés
Não correm atrás de borboletas
E as suas mãos
Não abrem covas na areia
(Não há borboletas nem areia
Numa paisagem de nada)*

Para além do desespero...

*Também minha revolta
Com cadeados nos pulsos*

(“Para além do desespero”)

E lúcido quando o poeta encara a esperança, através dos gestos mais banais da vida quotidiana, como no poema “Uma manhã que desponta”:

*Aquela menina que passa
leva nos olhos
o esplendor de quem
marcou encontro à felicidade
E até aquele cachorrinho
a correr feito maluco
atrás da bola de meia
é uma certeza no dia
que desponta*

Para fecharmos esta modesta homenagem ao poeta que trazia dentro de si “todos os mares do mundo” (“Poema salgado”), eis alguns versos colhidos no poema autobiográfico “Ontem hoje amanhã”, através do qual Ovídio Martins conta a sua história e afirma a sua visão do mundo, num epílogo em forma de oração blasfematória:

*Nasci numa rua sub-alimentada
cresci e brinquei em ruas sub-alimentadas
com crianças sub-alimentadas*

*Mais tarde
hoje
As crianças com quem brinquei
os meus colegas da escola primária
tornaram-se irreverentes*

*Se nós todos quisermos
(e todos nós queremos)
a terra sub-alimentada
em que nascemos
será dentro em breve
a nossa pátria caboverdiana
sem ruas sub-alimentadas
sem crianças sub-alimentadas
sem cachorros sub-alimentados
e sobretudo
sem padres sobre-alimentados
Assim seja*